

## **O GRAFFITI NA CIDADE DE PELOTAS (RS): O IMPACTO SOBRE OLHARES ESTRANGEIROS**

**CORDEIRO, Esther Lorizolla; CORTEZE, Mariana Danuza; RODY, Barbara Cezano; BRANDÃO, Claudia Mariza Mattos.**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas, Artes Visuais – Modalidade Licenciatura; <sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes. [attos@vetorial.net](mailto:attos@vetorial.net)

### **1 INTRODUÇÃO**

A imagem do ambiente em que vivemos é uma arte temporal (LYNCH, 1997) vivenciada por cada um em diferentes ocasiões, o que provoca recepções e entendimentos distintos, gerando assim a transformação do mundo urbano numa paisagem passível da imaginabilidade. Isso, pois cada indivíduo tem as suas próprias redes de associações com diferentes partes da cidade, impregnadas de lembranças e significados, relacionadas às experiências vividas. O texto focaliza a pesquisa desenvolvida no PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação, coordenado pela professora Cláudia Brandão, investigando experiências de “olhares estrangeiros” sobre o espaço urbano da cidade de Pelotas. Enfocam-se diferentes percepções sobre as combinações aleatórias estabelecidas entre o patrimônio arquitetônico e as manifestações expressivas da cultura urbana contemporânea, em particular o *graffiti*, e as histórias sobre o contexto sócio-cultural que comunicam aos forasteiros. O objetivo é fomentar o debate sobre a percepção do espaço urbano como elemento fundamental da constituição identitária, analisando os cenários criados pelas manifestações artísticas urbanas como elementos que nos possibilitam ampliar a compreensão do mundo ao redor. Cabe ressaltar que tal análise só é possível a partir de registros imagéticos, assim como fotografias, visto que o *graffiti* é uma manifestação artística efêmera.

A imagem da cidade é constituída pelo espaço e decorrente da necessidade de criá-lo, tanto nas transformações horizontais, assim como verticais. Essas transformações são representadas por textos não-verbais (FERRARA, 1997) que acompanham as nossas andanças pela cidade, produzem-se, completam-se, alteram-se ao ritmo dos nossos passos e, sobretudo, da nossa capacidade de perceber e registrar as informações. É importante ressaltar que cada indivíduo percebe o entorno espacial através de um olhar particular, subjetivo, decodificando as mensagens impregnadas de filosofias, ideologias e emoções, mescladas às memórias subjetivas.

A cultura urbana e suas manifestações expressivas, em particular o *graffiti*, são temas fundamentais para a Educação. Tais produções ocupam uma boa parte da experiência cotidiana das pessoas, e são significativas tanto para produtores como para receptores. Elas suscitam a compreensão crítica do papel das práticas sociais do olhar e das representações visuais, de suas funções sociais, das relações de poder às quais se vinculam e da memória coletiva que constroem.

A prática do *graffiti* se difunde de modo intenso nos centros urbanos contemporâneos. De acordo com Gitahy (1999) essa forma de expressão refere-se a riscar, documentar, de forma consciente ou não, fatos e situações ao longo do tempo, numa exposição pública aberta a qualquer transeunte atento. Ele estabelece uma relação interativa com o contexto sócio-histórico, constituindo-se num meio de

expressão espontâneo e autêntico, e formam verdadeiras *capas* que recobrem as metrópoles contemporâneas e desvelam a forma de ser de gerações (SILVA, 2001).

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A percepção do espaço implica na decodificação de códigos referentes às culturas locais, tudo somado às memórias e culturas particulares. Essa é uma realidade que se expõe às pessoas quando chegam a uma nova cidade. No caso aqui analisado, ela refere-se à experiência de olhares estrangeiros na cidade de Pelotas, uma cidade singular, que mescla a austeridade do patrimônio histórico com as novas manifestações artísticas que proliferam no espaço da urbe, manifestando imaginários e enunciando o real.

A pesquisa é de cunho qualitativo, contemplando os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica sobre o tema em questão; registros fotográficos de *graffiti* que compõem o trajeto entre a rodoviária e o Centro de Artes da UFPel; análise das imagens e discussões sobre o *graffiti* e a experiência de cada pesquisadora em sua cidade natal com tal manifestação artística. Isso se deve ao fato de que cada uma das acadêmicas pesquisadoras nasceu e viveu até pouco tempo atrás em cidades diferentes de Pelotas, onde residem atualmente em função dos estudos universitários: Esther, Campinas (SP); Bárbara, Cachoeiro de Itapemirim (ES); e Mariana, Três de Maio (RS). As três cidades diferem entre si, uma é metrópole, a outra, uma cidade de porte médio, e Três de Maio é uma cidade pequena, que oferece uma visão mais “limpa” da paisagem urbana, sem grandes contrastes (Figura 1). Portanto, em cada acadêmica “ver” Pelotas pela primeira vez repercutiu de modo diferente, resultando em experiências díspares, relacionadas às vivências anteriores.



Figura 1: **CORDEIRO, CORTEZE e RODY**.- Paisagem Cachoeiro de Itapemirim, Campinas e Três de Maio, 2011.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A (com)vivência em cidades tão diferentes desenvolveu olhares singulares, reunidos neste trabalho para discutir as percepções individuais, as particularidades e o que de comum encontramos na apreensão do espaço urbano pelotense. Um detalhe particular que chamou a atenção é o fato de que, diferente de outras cidades, na Rodoviária e seu entorno não encontramos nenhum *graffiti*. Atribuímos isso à localização do terminal, que é distante do centro da cidade, situado num local amplo, e não possibilita aos visitantes avaliarem previamente a real configuração desta que é uma cidade histórica. O impacto das formas e cores que se apresentaram a nós (Figura 2) provocou diferentes sensações, mas em todas

gerou estranhamento, remetendo a comparações com as cidades de origem. Para quem vem de uma cidade como Campinas, a presença do *graffiti* não surpreende. No entanto, para os que sempre conviveram numa cidade como Três de Maio, onde essas manifestações não existem, o *graffiti* é uma descoberta.



Figura 2: **CORDEIRO, CORTEZE e RODY** – Presença do *graffiti* em contraste com a arquitetura pelotense, 2011.

O contraste do cinza da paisagem urbana com as cores berrantes do *graffiti* provocou surpresa, pois tal característica faz com que a paisagem histórica desta que é uma cidade de porte médio esteja diretamente relacionada às paisagens de uma metrópole, o espaço por excelência do *graffiti*. Temos um cenário urbano rico em formas, cores e nomes que instigam os espectadores a detectar nessas marcas a história da comunidade e de seus atores sociais (Figura 3).



Figura 3: **CORDEIRO, CORTEZE e RODY** - *Grffiti*/Pelotas, 2011.

O exercício realizado, o de buscar as significações ocultas nas aparências da cidade, demonstra que a percepção sensível do mundo estimula a reflexão crítica sobre a convivência das subjetividades no espaço público e suas histórias. Discutir sobre as raízes da construção social e suas implicações viabiliza a compreensão do campo de atuação dos sujeitos, propiciando a apreensão da cidade como um acontecimento estético que manifesta a multiplicidade cidadã. Além disso, o aprendizado de analisar a paisagem e tirar daí subsídios que nos permitam integração à vida comunitária é estimulante. Pouco a pouco os “olhares estrangeiros” acostumam-se às novas solicitações e a paisagem é descoberta como um palimpsesto encantador e rico em significados.

Observamos que ao nos deslocarmos pelo trajeto estabelecido, partimos de uma paisagem “limpa”, descolorida, desprovida de contrastes, para paulatinamente desvelarmos as cores da arte manifestadas sobre os cenários da história. Isso nos fala sobre identidades híbridas, múltiplas subjetividades e tempos que dialogam esteticamente. Na medida em que nos aproximamos do Centro de Artes, a presença dos *graffiti* é maior. De certo modo, nesse local existe uma caracterização peculiar que informa aos transeuntes os interesses do público que ali convive.

Descobrimos que as referências visuais cotidianas afetam o nosso modo de perceber, sentir, conhecer e pensar sobre o real, sendo também possibilidades de expressão e transmissão de desejos, idéias e expectativas. Percebemos que problematizar o espaço urbano pelo viés da sensibilidade ao *visível* é colaborar para uma maior captação e compreensão da constituição do ser como parte integrante de um mundo de efeitos globais. Mais que tudo, comprovamos que a observação atenta sobre o entorno vivencial nos permite ir além dos estereótipos estabelecidos pelos meios formativos que estruturam a nossa consciência acerca do mundo.

#### 4 CONCLUSÃO

Invadindo o espaço urbano e utilizando a cidade com suporte, o grafiteiro trabalha com o efêmero que ressurge através da repetição do ato. É uma prática baseada na rapidez, na imprecisão e na transgressão, constituindo-se numa das expressões artísticas características da “cultura neobarroca” (CALABRESE, 1999). As imagens do *graffiti* resultam de processos criativos, ações complexas que envolvem os diversificados recursos comunicativos, amplos meios materiais e as mais variadas nuances expressivas. Portanto, não podem ser negados em sua essência expressiva e comunicativa. O artista grafiteiro age manejando subjetividade e objetividade, cujos labirintos da criação artística resultam da articulação dos códigos da linguagem, da escolha dos materiais e da expressividade, ou seja, dos modos poéticos que se determinam à luz de referências internas e externas ao sujeito criativo.

Discutir a urbe através das composições estéticas que o *graffiti* oferta ao olhar, é considerá-la um espelho que reflete a forma de ser de uma comunidade. Espelho, esse, sempre pronto a acolher novas imagens e olhares, forasteiros ou não, que se (re)configura no ritmo das ações de seus habitantes. Concluímos que o *graffiti* é gerado pelas próprias convulsões do espaço urbano contemporâneo, constituindo-se num processo aberto, intensamente estético, que implica em certa medida, no esfacelamento dos limites instituídos da cidade. Sendo assim, foi possível entendermos o exercício realizado como um processo (auto)formador que contribuiu para o desvelamento das relações sócio-históricas que permeiam os cenários urbanos pelotenses.

#### 5 REFERÊNCIAS

- BACHELAR, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CALABRESE, Omar. **A Idade Neobarroca**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1999.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro, DIFEL, 2001.
- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. 4ª edição, São Paulo: Editora Ática, 1997.
- GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1999.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**. Rio de Janeiro, Editora Record, 2004.
- SILVA, Armando **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.